



De Medusas e colos uterinos

Rita Maria Manso de Barros¹

Recorrer aos artistas é uma forma de buscar respostas antes que a ciência, e nela insiro a psicanálise, possa criar conceitos e operadores para circunscrever algo da ordem do real. Entre um artista barroco do Renascimento italiano e uma artista performática do século XXI, temos uma avalanche de avanços e retrocessos no grande Outro, sobretudo na exposição do corpo. Confrontarei duas obras que dizem respeito à mulher, de diferentes épocas e culturas, neste pequeno artigo.

Vou partir de uma frase de Freud em seu artigo sobre a feminilidade, recém e muito cuidadosamente traduzido,² em que ele afirma, no meio do parágrafo 28, que “o efeito da inveja do pênis está ainda mais implícito na vaidade física da mulher; por isso ela precisa superestimar seus encantos como uma compensação tardia para a inferioridade sexual original”.³ Seguindo seu pensamento, mais à frente, ele conjectura que tecer e fiar talvez tenham sido as únicas invenções das mulheres, entre as inúmeras feitas pelos homens na história das civilizações, e com a finalidade de encobrir sua genitália defeituosa. Ressalta então que o pudor, traço feminino por excelência, serve ao propósito de ocultar a falta do pênis e o horror gerado pelo real da castração.

A obra *Cabeça da Medusa*, pintura de Michelangelo Merisi da Caravaggio — nascido em Milão, em 1571, e que viveu apenas até os 38 anos — dá imagem ao mito em que a tese freudiana se baseia: o horror provocado nos homens, que se petrificam diante do genital feminino, a angústia de castração. O genial do trabalho de Caravaggio, que teve uma vida turbulenta e acabou por matar um homem, é que sua Medusa vê, com horror, o reflexo de sua imagem decapitada pela espada de Perseu.

¹ Psicanalista. Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Pesquisa e Clínica Psicanalítica da UERJ. Diretora do Instituto de Psicologia da UERJ.

² Freud, S. “A feminilidade, conferência 33”. Em: Caldas, H.; Murta, A.; Murta, C. (Org.) *O feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012, p.15-47.

³ *Ibidem*, p.36.



Vê a própria morte refletida no escudo. O tema da decapitação é recorrente na obra do artista.⁴ Em sua época, era mais fácil perder a cabeça.



Cabeça de Medusa, de Caravaggio.

Ocorre que, em nossos dias, esse horror retorna de outra forma, ainda elevado à categoria de arte, provocando, pelo excesso de exposição, uma espécie de anestesia diante da visão (já nem tão) traumática da castração. O mercado, que mantém as produções humanas no cabresto, como a arte ou a ciência, investe pesado na anestesia da angústia de castração. Mas o real insiste. Obras de artistas performáticos, *body artists*, escancaram o horror até a completa insalubridade: *fat free, sugar free, taste free!*

Para fazer essa confrontação com a produção artística de épocas diversas, tomamos a artista plástica Annie Sprinkle, nascida em 1954, autointitulada artista pós-porno-moderna (*post-porn-modernist*), que faz de sua arte um exemplo contemporâneo. Professora de sexologia, *ex-stripper*, atriz de cinema pornográfico, escritora, diplomada em fotografia (1986) pela *School of Visual Arts* de Nova Iorque, e com um doutorado em Sexualidade Humana (1992) pelo *Institute for Advanced*

⁴ Este tema aparece em pelo menos três outras telas célebres do mestre: "Judite e Holoferne", "Salomé com a Cabeça de São João Batista" e "Davi com a Cabeça de Golias".



Study of Human Sexuality de São Francisco, ativista dos direitos da mulher, casada com outra.⁵

A obra de que quero tratar intitula-se *Public cervix announcement*. Corresponde a uma performance feita por Sprinkle em um teatro onde, reclinada em uma poltrona, expõe sua vagina, aberta por um espéculo ginecológico, iluminada pela luz de uma lanterna, por onde se vê o colo de seu útero. As imagens são transmitidas pela *internet*. Pelas suas próprias palavras, “quis dar oportunidade a muitos de conhecer um colo de útero, desmitificando a idéia de que a vagina tem dentes”,⁶ clara alusão à teoria kleiniana da vagina dentada, tão em voga nos anos 1960 e 1970, entre os psicanalistas estadunidenses.

Expondo publicamente o colo de seu útero, ela esperava dar ao “caro explorador *online*” a oportunidade de ver o que poucos viram antes. E como a curiosidade é enorme, há tantos países a percorrer e o tempo é curto, recorreu à tecnologia, que possibilita a visitação *online* de “milhares de pessoas” ao seu interior: “Você não tem que ficar na fila, você pode simplesmente visitar o caminho para o meu colo uterino”.⁷ Apesar de ter a vagina escancarada à visitação pública, a artista afirma que desmistificar o corpo feminino é uma impossibilidade, visto que ele engendra um grande mistério, não importa quantos você veja: “É um milagre magnífico — a porta de entrada para a própria vida”.



Public cervix announcement, de Annie Sprinkle.

⁵ Dados retirados de <http://anniesprinkle.org/>. Acesso em 25/06/2012.

⁶ *loc.cit.*.

⁷ *loc.cit.*.



Lacan afirma, em *O Seminário XX*, que as mulheres são as melhores psicanalistas, quando não são as piores. Já que um psicanalista é um guardião da falta, e as mulheres têm maior intimidade com ela, pela própria posição em relação à castração, haveria menor desconforto, na posição feminina, em suportar esse lugar de sustentação da falta (objeto *a*), objeto da angústia, do desejo e da lei (*O Seminário X*). Nesse sentido, elas são melhores psicanalistas, uma vez que têm mais intimidade com o *semblant*, a mascarada. Maior proximidade com o enigma, o mistério. Contudo, não tanto com relação à lei, sobretudo quando envolvidas com as questões do amor, já que este faz suplência à falta, e aí elas poderão ser as piores, pois estarão tentadas a responder às demandas, esperando ser amadas.

Entre a *Cabeça da Medusa*, de Caravaggio, e o *Anúncio público do colo uterino*, de Annie Sprinkle, vemos que o real do encontro com a castração, com o mistério, ainda se sustenta, mesmo que à custa de um choque com ele, e sem o anteparo do escudo de Perseu. Considerando que o

real é o que há por trás da fantasia, é para além do sonho que temos que procurá-lo, no que o sonho revestiu, envelopou, nos escondeu, por trás da falta de representação, da qual lá só existe um lugar-tenente. Lá está o real que comanda mais do que qualquer outra coisa nossas atividades, e é a psicanálise que o designa para nós. Esta é a diferença do real da psicanálise para o real da ciência.⁸

Se as mulheres são mais amigas do real, é precisamente por não terem o falo que adquirem um valor de troca, mas não de uso, este será dado por aquele que a desejar. A inveja do pênis, por exemplo, atribui um valor de uso a ele como objeto do desejo. Quanto mais desejado, maior o valor de uso, ele tem uma noção qualitativa, enquanto o valor de troca tem relação quantitativa com a circulação de qualquer tipo de mercadoria. Entre os árabes, por exemplo, as mulheres são trocadas por camelos, seu valor de troca aumenta à medida que aumenta a projeção de seu valor de uso,

⁸ Manso de Barros, R.; Tarré de Oliveira, G. “O que fazer com o real do trauma?” Em: Mello, M.; Coutinho Jorge, M. A. (Org.) *Saber fazer com o real*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009, p.126.



pela necessidade de posse de seu corpo, seja por conteúdo erótico, seja pela indicação de ser uma boa parideira.

Desde que se originam de um pedaço do outro, a costela de Adão, do *Gênesis*, Lacan atribui a esse momento o surgimento do traço de pudor na mulher.⁹ Se ela se esquivava em semblante, sua timidez ou recato, é para que o homem possa nela projetar promessas, expectativas de realização de desejos, aspirando à sua posse como quem aspira o tão necessário ar. Para ele, ela é a materialização do objeto *a*. Por isso, a vaidade física da mulher, sua insaciável necessidade de eleger objetos de consumo como essenciais à vida, se impõe porque, no fundo, pensam que esses *gadgets* — sapatos Christian Louboutin de solas vermelhas, bolsas Louis Vuitton — elevarão seu valor de uso, despertando o desejo do mercador. Ainda que seja ela própria a negociar com ele o valor de troca.

O horror e a atração exalados pela visão da Medusa, condenada por ter-se entregado a Poseidon no templo de Atena, do qual era guardiã, mantiveram-se no correr dos séculos, exercendo fascínio pela sua desdita. Irresistivelmente bela, seu castigo foi ter o rosto desfigurado e, de objeto causa de desejo, passar a ser objeto de repulsa.

O mercado altamente rentável da moda soube valer-se do pudor feminino em esconder o horror da ausência da máscara, a tal ponto que a Casa Versace, de Florença, tem a Medusa como logotipo da marca. Se foram as mulheres que realmente inventaram o tecer e fiar panos, que não só velem como também criem e enalteçam o que têm de belo, o fizeram sobretudo para poupar o homem de seu lado devastado, servindo ao propósito de ocultar a falta do pênis e o horror gerado pelo real da castração.

A obra de Annie Sprinkle, paradoxalmente, ao expor sua vagina à expiação pública, ainda assim vela o objeto, aquilo que não tem imagem nem nunca terá, mas

⁹ Lacan, J. *O Seminário XIV: a lógica da fantasia*. (07/06/1967).



que tem materialidade: o objeto *a*, causa do desejo, aquilo que serve ao nada. Ao mesmo tempo, a superexposição de suas entranhas é uma crítica feroz e irônica ao excesso de exposição do íntimo pelas redes mundiais alimentadas pela tecnocracia, pela voracidade do mercado e a vampirização do capital. Tudo pode ser visto, menos o nada.

Se a visão da Medusa petrificava o homem, a visão crua da falta não deixa por menos, mas falha. Ainda que queiram anestesiá-los, a psicanálise, amiga do real, leva ao despertar.

Referências bibliográficas:

Freud, S. “A feminilidade, conferência 33”. Em: Caldas, H.; Murta, A.; Murta, C. (Org.) *O feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012, p.15-48.

Lacan, J. *O Seminário XIV: a lógica da fantasia*. (07/06/1967). Inédito.

Manso de Barros, R.; Tarré de Oliveira, G. “O que fazer com o real do trauma?” Em: Mello, M.; Coutinho Jorge, M. A. (Org.) *Saber fazer com o real*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009, p. 119-129.

Imagens retiradas de:

Caravaggio, M. M., <http://zigimoveis.blogspot.com.br/2012/05/nova-medusa-de-caravaggio.html>. Acesso em 25/06/2012.

Sprinkle, A., <http://anniesprinkle.org/>. Acesso em 25/06/2012.